

ARTE

hoje

ANO 2 Nº14 AGOSTO DE 1978 Cr\$ 50,00



O MAM
RENASCERÁ

O RENASCIMENTO, AGORA, NO CALOR DO DEBATE

Reportagem de GRAÇA NEIVA, MARIO P. FILHO, MARIZA CARDOSO e PAULO CESAR B. MARTINS.
Pesquisa de JOSÉ GUILHERME CORREA PINTO Fotos de ANDRÉ PAPI.

Iniciado imediatamente após o incêndio, com colaborações espontâneas de todos os setores, o movimento de reconstrução do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de criação de um novo acervo já é uma proposta vitoriosa, independente de possíveis divergências de procedimento, solucionáveis a partir do objetivo comum.

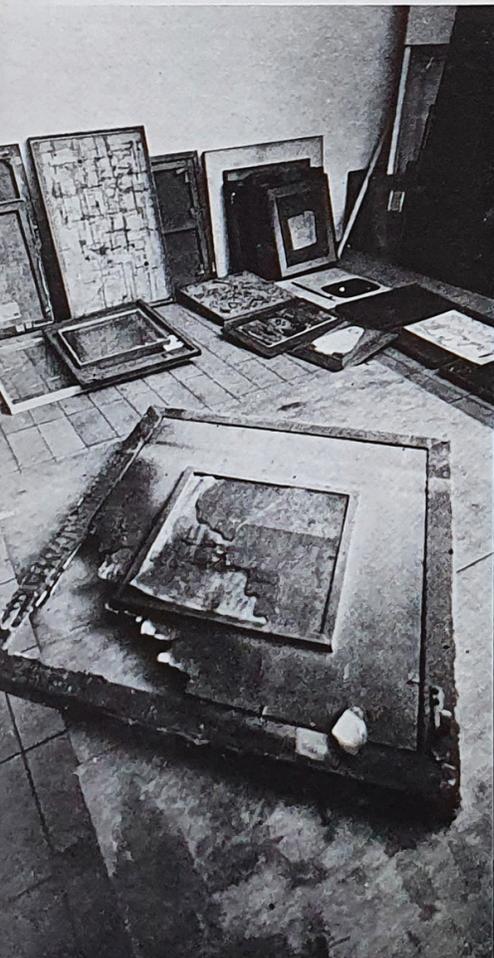


Escultura de Max Bill, integrante do acervo.

Em apenas 40 minutos, o acervo do Museu de Arte Moderna ficou reduzido a pouco mais do que uma simples coleção de amator: telas de Pollock, Vieira da Silva, Poliakoff, Antônio Bandeira e Djanira; esculturas de Lipchitz, Giacometti, Max Bill, Sérgio Camargo, Zélia Salgado, Henry Moore, Osmar Dillon, Ascânio MMM, Rubens Gerchman e Cildo Mendes. De notável, apenas a escultura *Mademoiselle Pogany*, em bronze polido, do rumeno Brancusi. Peça mais valiosa do MAM, doada por Roberto Marinho, ela só ficou chamuscada e será recuperada. O incêndio da madrugada de 8 de julho, iniciado no segundo andar do bloco principal, queimou quase mil obras de arte (mais de 90 por cento do acervo), valendo pelo menos 400 milhões de cruzeiros.

O MAM — uma caixa de vidro com 24.000 metros quadrados — ficou reduzido à estrutura, que não sofreu abalo, e aos inconfundíveis pilotis em V. Salvaram-se os filmes da Cinemateca, cuja sala era a única com paredes de alvenaria, e só não foi atingido o bloco secundário, onde estão instalados dois restaurantes e o departamento de desenho industrial. O custo da reconstrução é calculado em mais de 200 milhões de cruzeiros, mas, na opinião geral, não há seguro que pague as perdas do acervo.

“Obra construída para os séculos e não para o efêmero presente”, como afirmou o diretor da época, a sede do MAM foi inaugurada a 27 de janeiro de 1958. Era apenas parte do prédio, que futuramente abrangeria 36.000 metros quadrados de construção, em três blocos: o da Escola de Criação, o das Exposições, e o do Teatro,



Dona Isaura: “Sinto um choque quando pego uma moldura, olho e não vejo nada”.

“Como se fossem filhos”



Dona Isaura

Há 21 anos chefe do acervo do Museu de Arte Moderna, Isaura de Carvalho — a “dona Isaura” dos artistas plásticos, críticos de arte e freqüentadores do MAM — tem pelas obras o carinho que teria por um filho.

— Não sou museóloga, mas me tornei uma técnica no assunto. Fui eu quem fez o tombamento, a conservação e a limpeza de todas as obras de arte.

Os funcionários recolhem as obras que restaram do incêndio que destruiu cerca de 90 por cento do acervo. Elas são levadas para a sala de tombamento, no térreo, no bloco da Escola, onde dona Isaura as recebe.

— Até agora, sei que serão restauradas as peças de Magnelli, Paulo Becker, Maria Helena Vieira da Silva, Nemésio Antunes, Inimá de Paula, Ivan Morais, Ivan Serpa, Pollock, Mabe, Fayga, Lazzarini. A obra O Canto, de Cildo Meireles, está em perfeito estado, necessitando apenas de limpeza.

Ela soube do incêndio no sábado, às sete horas da manhã. Sua primeira reação foi “chorar muito”. Agora, sente-se forte para recomençar tudo. Tem um pequeno consolo: o fogo não destruiu o arquivo especial.

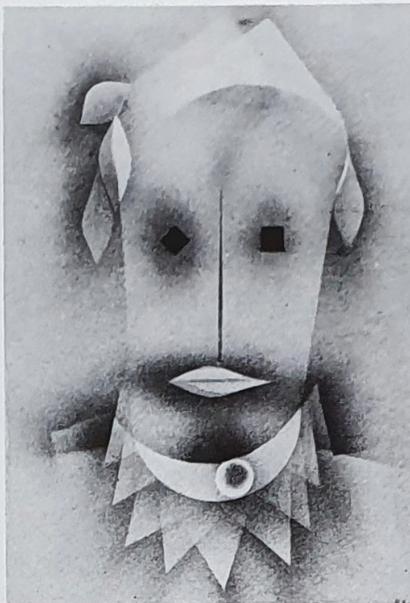
— Foi feito por mim, com uma parte especial para cada artista. É tão bom que eles quando querem seu currículo em dia, recorrem a nós. Felizmente, foi salvo.

arquitetura brasileira. Na ocasião, a diretoria destacou que não só do projeto de Reidy, mas também dos detalhes da construção "estavam ausente o supérfluo e o demasiadamente preso ao gosto passageiro". No bloco passaram a funcionar salas de aula, ateliers e oficinas de gravura, encadernação e fotografia da Escola Técnica de Criação.

O bloco das exposições ficou pronto em 1967, com o auxílio de um milhão de cruzeiros do Fundo Monetário Internacional, que ali realizou seu congresso. No novo bloco também foram instalados a biblioteca, o salão de leitura, a cinemateca, as salas da diretoria e do conselho deliberativo e os escritórios administrativos.

O destaque de 1967 foi a exposição *A Nova Objetividade Brasileira*, conseqüência lógica das mostras *Opinião-65* e *I Salão de Abril*, em 1966, todas no MAM, que abrangeram praticamente tudo o que foi feito em matéria de vanguarda nos primeiros anos da década de 60, a década da *Pop Art* nos Estados Unidos, com influência em todo o mundo. Mostra controversa, teve nas obras *popretistas* de Waldemar Cordeiro e nos guaches e serigrafias de Rubens Gerchman seus pontos mais discutidos.

Em abril de 1969, o MAM realizou mostra comemorativa dos 50 anos de pintura de Tarsila do Amaral. Seus quadros, mostrando a exuberância do trópico, das florestas, das chuvas e do sol, através de imagens deformadas e gigantescas da natureza e do homem, participaram, entre outras exposições, da I Bienal de São Paulo (1951), da VII Bienal (sala especial, 1963) e da Bienal de Veneza (participação especial, 1964).



Em 1957 o MAM já tinha apresentado uma retrospectiva de Volpi, mas a grande mostra foi inaugurada a 12 de outubro de 1972, denominada *Alfredo Volpi: Pintura (1914-1972)*, abrangendo quase 300 trabalhos de várias técnicas. A exposição foi organizada pela crítica Aracy Amaral.

Um dos pontos altos dos últimos anos foi a mostra de arte expressionista abstrata



Do pintor suíço Paul Klee (1879-1940) foram expostas no MAM, em 1972, 62 obras, entre desenhos a lápis, óleos e aquarelas, cobrindo os períodos e técnicas em que tradicionalmente se divide sua produção. Uma mostra mínima do seu trabalho — mais de nove mil peças —, mas suficientemente expressiva de sua importância como um dos criadores da consciência estética do século XX.



Heloísa Lustosa.

"Manteremos a nossa estrutura"

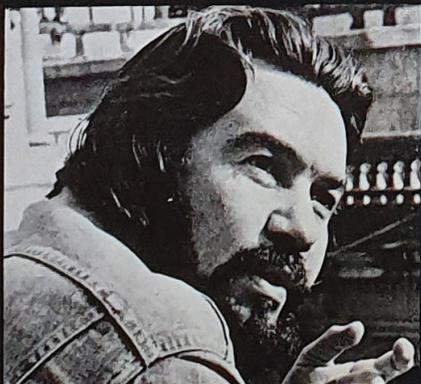
— Nosso relacionamento com os artistas sempre foi muito bom: em todas as decisões de interesse do museu procuramos colocá-los como protagonistas. E assim continuará sendo dentro do novo MAM.

Os artistas, contudo, fazem restrições à diretora executiva, Heloísa Aleixo Lustosa, queixando-se de que só eram ouvidos "em última instância".

Alvo também de críticas em relação à direção que imprime ao MAM, segundo muitos, "superada em relação às técnicas da moderna administração", Heloísa Lustosa reagindo a elas, acentuou que "o museu tem para cada cargo específico um técnico específico".

Uma especulação era sobre a possibilidade de o MAM vir a sofrer uma intervenção do Estado ou tornar-se uma fundação, hipótese que Heloísa Lustosa descarta:

— Até agora, o Governo tem colaborado no cálculo dos custos de recuperação do prédio. Em breve o MAM voltará às suas atividades normais, com sua mesma estrutura jurídica.



Gerchman.

"Tudo era confuso e nebuloso"

Rubens Gerchman é o secretário do Comitê Permanente para Reconstrução do MAM, cujo primeiro ato, depois do incêndio, foi promover uma concentração de três mil pessoas no pátio do museu. Segundo ele, não há um consenso, entre os membros do comitê, sobre a política de reconstrução, mas a todos parece que deverá caber ao Estado a parcela maior dos encargos, através da doação de verbas. Nos demais aspectos não há unanimidade. O presidente do comitê, Mário Pedrosa, por exemplo, acha que os artistas plásticos devem doar obras para a formação do novo acervo. Para Gerchman, no entanto, as doações devem ser feitas pelas grandes fortunas — "devem sair dos bolsos dessa elite abastada da qual fazem parte os marchands".

— O ideal — diz ele, em relação à tendência estética do novo patrimônio — será a formação de um acervo latino-americano, o melhor que pudermos obter. Mas, obviamente, se houver a possibilidade de se incorporar um bom artista americano, africano, europeu, essa oportunidade não deve ser perdida.

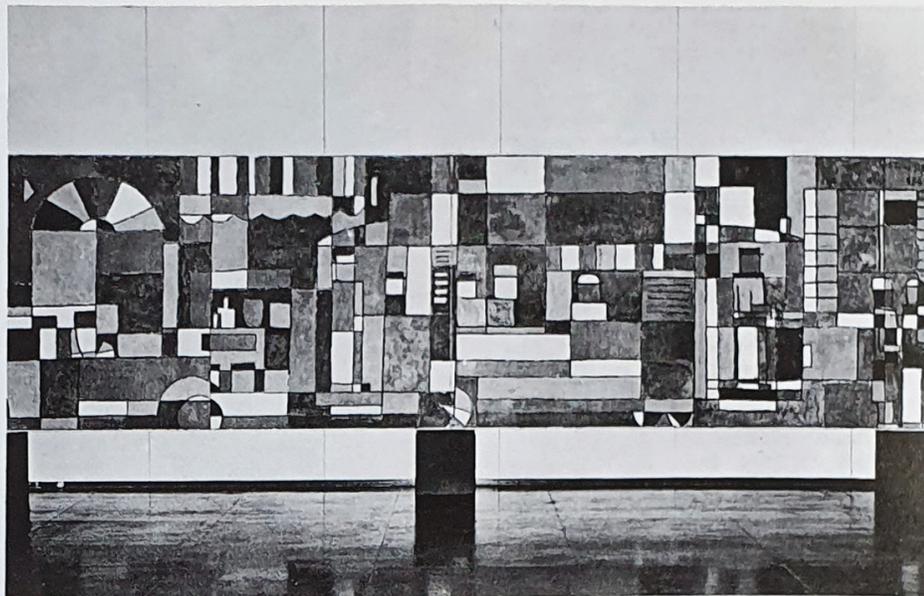
norte-americana, a escola chamada de *action painting* (pintura de ação), criada e batizada pelo pintor Jackson Pollock (1912-1956). Ele é remotamente o avô do tachismo, escola intimamente ligada ao MAM, porque o mais famoso tachista, o francês Georges Mathieu, pintou em 1958, no museu, o painel *Candoblé*, que escapou do incêndio por estar na cantina.

Idealizada e produzida pelo MAM, com debates, filmes e o lançamento do livro-antologia da crítica Aracy Amaral, a mostra *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte (1950-1962)*, inaugurada em julho do ano passado, reuniu 200 trabalhos do período mais fértil da tendência abstracionista geométrica na arte brasileira. Coordenada por Lygia Pape e Ronaldo Macedo, a exposição permitiu uma visão global dos movimentos básicos da década de 50: o Concretismo paulista (remotamente ligado ao Movimento Modernista de 22) e o Neoconcretismo carioca.

Vinte anos depois da morte de Lasar Segall (1891-1957), o MAM montou em agosto de 1977, numa promoção da Rede Globo de Televisão, a exposição *A esperança é eterna*, com 20 óleos, 10 aquarelas, 10 desenhos e 10 esculturas cedidos pelo Museu Lasar Segall.

Os *Domingos de Criação*, organizados pelo crítico Frederico Moraes, foram a principal iniciativa do MAM para a popularização do interesse artístico, incentivando as pessoas a exercitarem seu espírito lúdico, se relacionando criativamente com os objetos do cotidiano.

Produto de uma época de ascensão da burguesia liberal e dos seus desejos de transfor-



mação, o Museu de Arte Moderna, depois do incêndio e diante da necessidade de sua reconstrução, coloca no centro da questão o problema da definição de rumos adequados à realidade atual. A indagação que se impõe é se esta mesma burguesia ainda tem capacidade para manter o seu "sonho de concreto" e, mais uma vez, impor a hegemonia de sua proposta estética.

Oitenta pinturas do uruguaio Joaquín Torres-García (1874-1949), produzidas de 1928 a 1944, que representam quase toda a fase construtiva do artista, foram destruídas. Expostas em 1975 no Museu de Arte Moderna de Paris, integravam a mostra *Arte Agora III — América Latina: Geografia Sensível*. Um dos pioneiros do projeto construtivo, Torres-García também foi muralista, decorando igrejas.



Mademoiselle Pogany, de Brancusi.

Brancusi voltará a brilhar

A recuperação da *Mademoiselle Pogany*, de Brancusi, está garantida, segundo o restaurador Edson Mota que, a exemplo de outros profissionais, se ofereceu para cuidar gratuitamente do que restou do acervo do MAM.

— O mais importante na escultura é sua forma original e esta foi mantida por se tratar de uma peça de bronze. Apenas o polimento foi danificado e, embora o brilho dado por Brancusi seja excepcional, temos

condições de copiar sua técnica. A peça ficará perfeita, sem ter seu valor monetário alterado. Eu mesmo irei restaurá-la.

As peças estão sendo examinadas para se definir a técnica adequada de restauração.

— Além do fogo, as peças sofreram a ação da água. As telas molhadas demoram para secar naturalmente e decidi esperar pela ação do tempo. Poderíamos tentar uma secagem artificial, mas as telas encolheriam e a tinta se desprenderia.



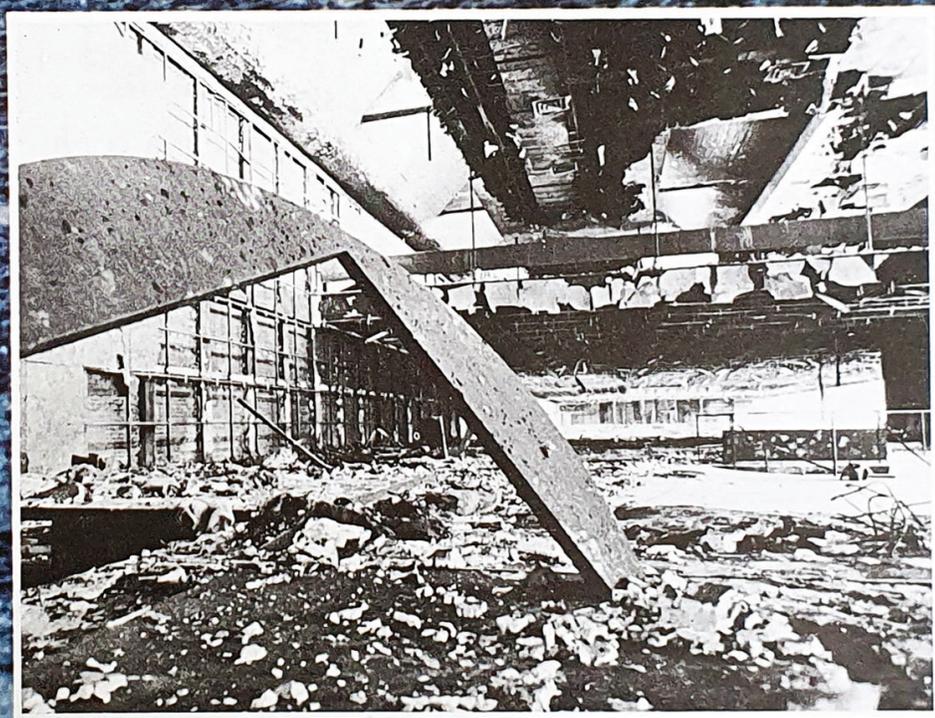
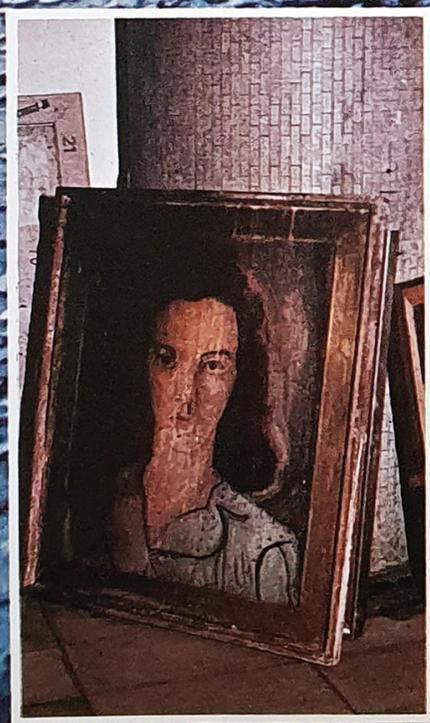
Reunidos no MAM, artistas da ABAPP repensam a função do museu.

Os artistas estão atentos

— As definições culturais do MAM não podem mais ser encaminhadas como o eram antigamente, pela sua diretoria, com uma participação esparsa e meramente consultiva dos artistas — diz Carlos Vergara, participante ativo das assembleias que a Associação Brasileira dos Artistas Plásticos Profissionais (ABAPP) vem promovendo, e nas quais estão sendo feitas propostas básicas como "a reformulação dos estatutos que regem a política do MAM".

Nesse esforço para a recuperação e reestruturação do museu, os artistas estão atentos, também, no sentido de não permitir brechas que possibilitem uma intervenção do Estado ou qualquer outra interferência na instituição.

Para a linha de frente da ABAPP, este é o momento de "repensar a função estética e histórica da entidade", o que, por extensão, segundo eles, exige a formação de um acervo autenticamente nacional.



Poucas obras sobraram como a escultura de Amílcar de Castro e uma pintura de Guignard.

Remano, S. 1975

último previsto e ainda não construído.

A inauguração coincidiu com o 10º aniversário do MAM, fundado em 1948 por um grupo de entusiastas da arte, sob a liderança de Raymundo de Castro Maya. A primeira sede ficava numa sala do último andar do Banco Boavista, cedida pelo Barão de Saavedra. O novo museu não despertou a atenção do meio artístico e seu acervo tinha pouquíssimas obras. Mas em 1951, iniciou-se uma fase mais dinâmica, com a reformulação dos estatutos feita pela nova diretora, Niomar Moniz Sodré, visando uma finalidade mais educativa, adaptada à era moderna. Ao mesmo tempo, foi iniciada campanha para aumentar o número de sócios. A mudança para a segunda sede — no andar térreo do Ministério da Educação (atual Palácio da Cultura) — foi a 15 de janeiro de 1952. Em comemoração, foram expostas obras de artistas premiados na I Bienal de São Paulo e trabalhos de outros artistas brasileiros.

Foi o início da segunda fase de dinamização, com nova diretoria e novo conselho deliberativo. O objetivo era conseguir o aterro vizinho à Avenida Beira Mar, considerado ideal para a sede definitiva. A área, de 40.000 metros quadrados, só foi concedida pela Câmara Municipal, após longa disputa com a Igreja, que pretendia construir uma catedral no local onde fora realizado o Congresso Eucarístico, e com a Prefeitura, interessada em transformar em parque todo o terreno.

Começou, então, a campanha de arrecadação de fundos para a construção do prédio, projetado por Afonso Eduardo Reidy, e a feitura dos 4.000 metros quadrados de



jardins, idealizados pelo paisagista Roberto Burle Marx. A 9 de janeiro de 1954 foi colocada a pedra fundamental e cinco dias depois, pelo decreto federal nº 34.941, O MAM foi declarado "de utilidade pública".

Inaugurado em janeiro de 1958, o bloco da Escola de Criação, com 10.000 metros quadrados, era uma das mais genuínas obras de vanguarda na época de apogeu da



Além do *Doramaar*, de Picasso, e da *Explicação*, de Magritte, foram destruídas telas e esculturas de Dali, Max Ernst, Kandinsky, Klee, Matisse, Portinari, Rouault, Segall, Guignard e foram danificadas obras de Ivan Serpa, Marino Marini, Elza O. S., Victor Brauner, Zao Wou Ki, Heitor dos Prazeres, Sérgio Campos Melo, Morandi, Lygia Clark, Abelardo Zuluaga e Magnelli, entre outros.



Mlle. Thiebaut.



Fernanda Camargo.

Da Vinci não pode ajudar

Da Vinci não pode ajudar na recuperação do MAM. Havia sido ventilada a possibilidade de trazer ao Brasil a Mona Lisa, para abrir uma campanha de arrecadação de recursos, mas isto não será possível, segundo a chefe do Departamento de Equipamento e Material dos Museus da França, Mlle. Jacqueline Thiebaut.

— É algo impossível — diz ela —, porque a pintura de Da Vinci é muito frágil. Além disso, as viagens que o quadro tem realizado vêm concorrendo para que sua fragilidade se acentue ainda mais. De volta ao Louvre, após a viagem feita ao Japão, a Mona Lisa teve de ser muito protegida.

Mlle. Thiebaut fez uma conferência no Rio, em julho, sobre segurança das coleções nos museus. A propósito do incêndio no MAM e de como ficou a imagem dos museus brasileiros na Europa, ela disse, diplomaticamente, que a tragédia foi muito lamentada pela opinião pública. Mas acrescentou, como conhecedora que é:

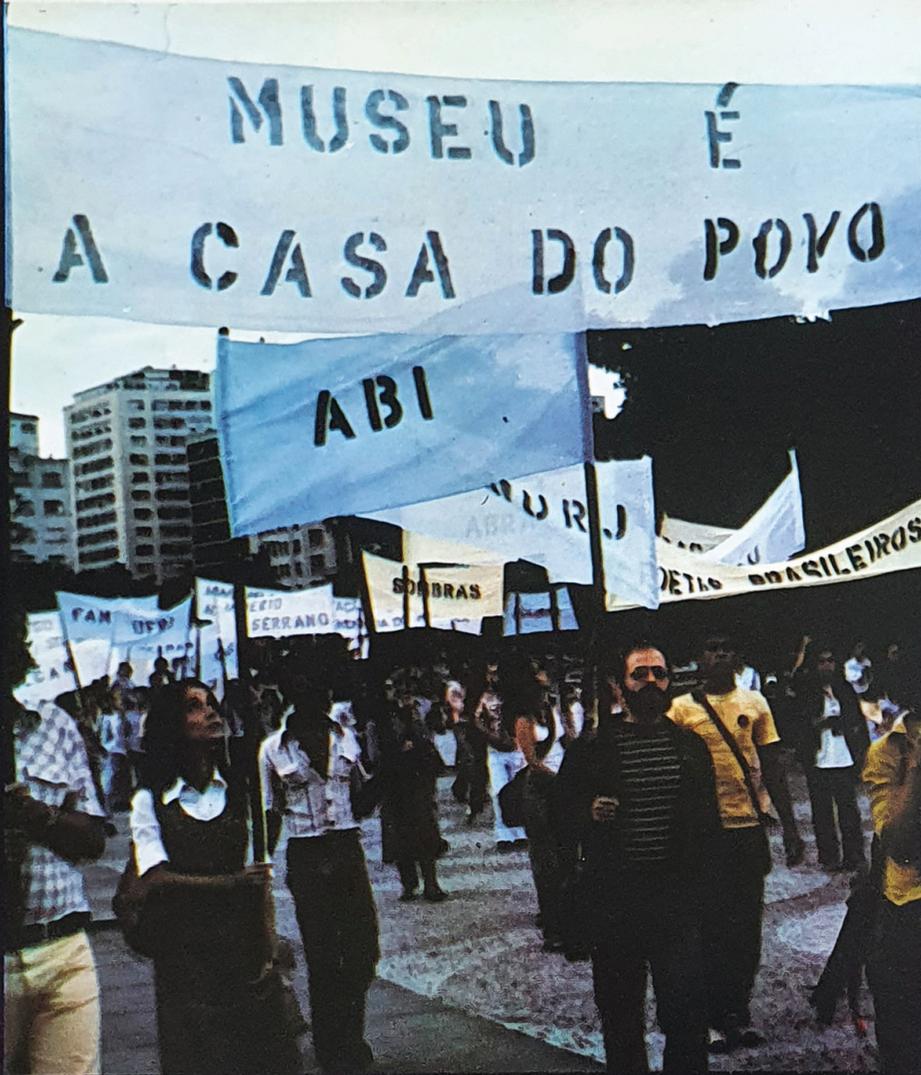
— Pode acontecer um caso como este, mas não nas proporções aqui verificadas.

"Falta uma direção técnica"

— Não se pode admitir que, sendo um museu um órgão interdisciplinar, não se tenha na direção um museólogo com aprendizado técnico, e na parte de restauração, um restaurador.

Para a museóloga Fernanda Camargo Almeida-Moro, presidente do Comitê Brasileiro do ICOM (International Council of Museums), órgão filiado à Unesco, o desastre no MAM se reduz a uma única expressão: "Falta de uma direção técnica".

— Se o fogo foi uma falha de manutenção (curto-circuito), já existe aí uma responsabilidade da direção. Mesmo que tenha sido atizado, num ato de vandalismo, também não há como se desculpar, pois se o fogo se propaga, já não é mais vandalismo, é falta de assistência técnica. Se houvesse uma direção técnica no museu, teria impedido o uso de materiais inflamáveis e cortado a ligação da sala Corpo-Som através de portas corta-fogo — ou seja, teria criado um ambiente museograficamente certo.



No primeiro domingo após o incêndio, mais de três mil pessoas se reuniram no MAM, prestando solidariedade ao museu destruído. Houve uma homenagem à Torres-Garcia com a teatralização do seu painel *O Peixe*, e um Manifesto foi lido pela atriz Bibi Ferreira, exigindo a manutenção da liberdade do MAM. E os alunos da Escola Visual do Parque Laje cantaram uma música, aludindo a reconstrução.

A festa no domingo de cinzas

Uma semana após o acidente, o povo foi conclamado a participar de um verdadeiro exorcismo: a festa organizada pelo Comitê Permanente para a Reconstrução do MAM. Reunidos sob os vãos do museu, artistas, intelectuais, associações de bairros e — num toque realmente popular — a ala das baianas da escola de samba Portela e a bateria da Beija-Flor prestaram solidariedade ao museu destruído, aproveitando para denunciar o descaso das autoridades em relação ao patrimônio artístico e, mesmo, ecológico — o Manifesto lançado no local lembrou, também, o desaparecimento de jacarés, capivaras e outros animais da nossa fauna.

Os alunos do Parque Laje visualizaram mais detalhadamente esse ritual antropofágico. Construíram um boneco e consumi-



ram do seu interior pães, ovos e tangerinas. No peito do boneco estalava um coração de cifrão, significando a mercantilização da arte. Os artistas também não foram poupados. Representados como vaidosos, os atores posaram ao lado do boneco, como é comum nos vernissages, quando os artistas posam ao lado das suas obras. Depois, para representarem o fugaz desaparecimento da obra de Torres-Garcia, desfilaram com vários estandartes que, unidos, formam o pai-

nel *O Peixe*, do artista uruguaio. Pregado numa das paredes do museu, ele anunciava a única possibilidade de recuperação das obras do artista: a sua memorialização simbólica.

Foi nesse sentido que o Manifesto lido pela atriz Bibi Ferreira apelou para que se preparasse um livro com as obras destruídas e que as transformassem, depois, em selos nos nossos correios, numa lembrança ao dia nefasto da perda.